

A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA – REFLEXÕES NO *DEVIR*

Rodrigo Acosta Pereira*
Terezinha da Conceição Costa-Hübes**

Resumo: Diferentes discussões sobre prática de análise linguística/semiótica (PAL/S) têm ascendido fortemente nos últimos 20 anos no Brasil, seja como uma reação-resposta à volta centrípeta do ensino da gramática na escola, seja como uma contrapalavra aos documentos político educacionais vigentes voltados à Educação Básica. Em consequência, pesquisas, em Linguística Aplicada, sobre PAL/S vêm crescendo em contexto brasileiro. Nesse panorama, nosso objetivo neste artigo é propor questionamentos sobre a PAL/S e, a partir deles, vislumbrar reflexões sobre essa prática de linguagem em contexto da aula de Língua Portuguesa na escola de Educação Básica. Para tanto, apoiamos-nos em pesquisas em Linguística Aplicada prévias sobre o tema, além de, por vezes, responder aos documentos político-educacionais vigentes. A partir disso, nosso artigo caracteriza-se metodologicamente como uma reflexão no entre-espaço dos aspectos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos sobre PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa na esfera escolar. Ao fim, ressaltamos que, dentre outras questões a serem mobilizadas, ratificamos o embate ideológico-valorativo entre a tradição e a mudança no ensino de Língua Portuguesa no país.

Palavras-chave: Educação Básica; Ensino da Língua Portuguesa; Prática de análise linguística/semiótica; Desdobramentos teórico-metodológicos e didático-pedagógicos.

THE PRACTICE OF LINGUISTIC/SEMIOTIC ANALYSIS IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES IN THE CONTEXT OF BASIC EDUCATION – REFLECTIONS ON BECOMING

Abstract: Different discussions about the practice of linguistic/semiotic analysis (PAL/S) have risen strongly in the last 20 years in Brazil, either as a reaction-response to the centripetal return of grammar teaching, or as a counterword to current educational political documents aimed at to Basic Education. In any case, research in Applied Linguistics on PAL/S has been growing in the Brazilian context. In this panorama, our objective in this article is to propose questions about PAL/S and from them to glimpse reflections on this language practice in the context of the Portuguese Language (LP) class at the Basic Education school. To this end, we rely on previous Applied Linguistics research on the topic, in addition to, at times, revisiting current political-educational documents. From this, our article is characterized methodologically as a reflection in the space between theoretical-methodological and didactic-pedagogical aspects about PAL/S in LP classes in the school sphere. In the end, we emphasize that, among other issues to be mobilized, our article ratifies the ideological-valuative clash between tradition and change in PL teaching in the country.

Keywords: Basic Education; Teaching the Portuguese Language; Practice of linguistic/semiotic analysis; Theoretical-methodological and didactic-pedagogical developments.

Introdução

Diferentes pesquisas, em Linguística Aplicada, têm ascendido no Brasil, nos últimos 20 anos (Raupp, 2023), com mais ênfase, sobre a prática de análise linguística/semiótica (PAL/S)ⁱ em contexto das aulas de Língua Portuguesaⁱⁱ na esfera escolar da Educação Básica. Essas pesquisas são orientadas sob diferentes abordagens teórico-metodológicas como, por exemplo, nos Estudos Dialógicos da Linguagem (Acosta Pereira, 2022; Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2021), nos estudos em Linguística Sistêmico-funcional (Barreto; Pinton, 2023) e em estudos contemporâneos em Linguística Textual (Mendonça, 2021). Mesmo como diferenças na baliza de orientação teórico-metodológica, os diferentes caminhos de estudo concordam e se aproximam em uma questão central – a PAL/S não é equivalente ao ensino de gramáticaⁱⁱⁱ na escola.

Sob esse panorama, em nosso artigo, pretendemos apresentar reflexões teórico-metodológicas e didático-pedagógicas sobre a ‘PAL/S’. Mesmo sabendo que essa discussão não é nova (posto que as primeiras incursões estão datadas em 1984 na obra de J. W. Geraldi, *O texto na sala de aula*), voltamos à discussão e ao debate, em função da crescente ‘onda’ de defesa pelo ensino de gramática nas aulas de LP na escola, uma posição que reinaugura o embate de quase quatro décadas atrás.

Para tanto, nosso debate se organiza em quatro seções, a iniciar pela introdução. Nas seções seguintes, nosso objetivo é apresentar questões que orientem um debate sobre o entre-espaço do ensino da gramática e da PAL/S nas aulas de LP em contexto da escola de Educação Básica.

2 Inquietações de outrem: entre a ausculta e a reação-resposta

Como dito anteriormente, as discussões sobre a proposta de PAL/S no Brasil se iniciam em 1984, com as reflexões de J. W. Geraldi, na obra *O texto na*

sala de aula, uma coletânea voltada à formação continuada de professores de Língua Portuguesa no oeste do estado do Paraná (PR). Desde então, mesmo com quase 40 anos de história, a PAL/S ainda traz diversas incompreensões (Rodrigues, 2021) seja no empreendimento de pesquisas voltadas ao ensino da língua na esfera escolar (Raupp, 2023), seja nas orientações de documentos político-educacionais (Santos-Clerisi, 2020).

Com isso, o propósito é levantar questões/questionamentos sobre a PAL/S que ascenderam ao longo de nossas pesquisas^{iv}, debates e disciplinas ministradas na graduação e na pós-graduação, em contexto de nossa atuação como docentes. Para fins de organização, vamos listando os questionamentos e, em reação-resposta (Bakhtin, 2003 [1952-1953]), apresentando nossas contrapalavras, engendradas em discursos outros sobre a questão – a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Iniciamos com a questão: *frente às diversas referências mobilizadas sobre o tema, diferentes autores, de forma particularizada, se utilizam dos termos ‘análise linguística’ (AL), ‘prática de análise linguística’ (PAL) e ‘prática de análise linguística/semiótica’ (PAL/S) – precisamos delimitar?* Raupp (2023) mostra em sua pesquisa levantamento de dissertações e teses publicadas no Brasil sobre PAL/S entre o período pós Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e pós Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) que autores brasileiros se utilizam de forma indiscriminada os termos supracitados. Em nossa presente discussão, sugerimos seguir a história da cunhagem dos termos, balizando seu uso a partir das referências norteadoras. Com isso, por exemplo, podemos entender que o termo ‘análise linguística’ é empregado, com grande recorrência, em certas obras fundantes das décadas de 1980 e 1990. O termo ‘prática de análise linguística’ se sustenta em obras da década de 1990 e na contemporaneidade. E o termo ‘prática de análise linguística/semiótica’, por sua vez, é uma cunhagem específica da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), reverberando em diversas pesquisas contemporâneas. Em suma, nossa orientação é sempre fidelizar o uso do termo à cunhagem utilizada na referência mobilizada. Neste artigo, optamos por utilizar o termo PAL/S, marcando a

‘prática’ como um termo antecedente à ‘análise linguística/semiótica’ a fim de ratificar ideologicamente como uma ‘prática de linguagem’.

Outra questão pertinente a refletirmos diz respeito a: *a PAL/S é equivalente a qualquer termo que envolva ‘gramática’ na escola?* Como discutimos em Acosta Pereira (2022) e Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021), a PAL/S não é termo equivalente à gramática. A PAL/S inclui a gramática, já o inverso não (Acosta Pereira, 2022). Rodrigues (2021) esclarece sobre a questão das reapropriações do termo PAL/S para práticas outras que são essencialmente gramaticais. A PAL/S pressupõe, dentre outros aspectos, uma análise da língua ancorada na situação de interação social, buscando epilinguisticamente entender como os recursos da língua respondem às demandas da interação. Dessa forma, qualquer proposta que abstraia a situação de interação da análise da língua não pode ser considerada uma PAL/S. Termos como ‘gramática aplicada’, ‘gramática no texto’, ‘gramática na escola’, ‘estudo científico da gramática’, dentre outros que enaltecem a gramática precisam ser cuidadosamente usados, à medida que, em grande parte, desconsideram qualquer vínculo da língua com o extraverbal (a dimensão social da interação). É um cuidado substancial, posto que essa reapropriação é comum em pesquisas de pós-graduação, como mostra Raupp (2023), em documentos político-educacionais, como explica Santos-Clerisi (2020) e em estudos contemporâneos voltados ao ensino da língua portuguesa na Educação Básica, como debate Rodrigues (2021). A PAL/S é uma prática de linguagem que se volta ao estudo da língua a partir dos seus usos sociais nas mais diversas situações de interação. Outro caminho, principalmente os voltados à forma e ao sistema, são, de fato, análise gramatical.

Como uma terceira questão, apresentamos a seguinte pergunta: *a PAL/S é uma abordagem teórico-metodológica?* Como explicado em Acosta Pereira (2022), a PAL/S não é uma abordagem teórico-metodológica, mas é balizada sempre por uma. Em outras palavras, assim como a leitura, a produção de textos e a oralidade, a PAL/S é uma prática de linguagem, ou seja, uma prática de uso da língua a ser trabalhada como unidade básica de ensino (Geraldini, 1984; 1991) nas aulas de Língua Portuguesa na escola. Com isso, o trabalho com as práticas

de linguagem demanda do professor uma abordagem teórico-metodológica para orientar sua prática didático-pedagógica. A escolha referencia seu trabalho em sala. No Brasil, conforme Raupp (2023), em grande demasia, as pesquisas sobre PAL/S são orientadas por quatro campos de estudos, a saber: os Estudos Dialógicos da Linguagem, a Linguística Sistêmico-funcional, a Linguística Textual e a Pedagogia dos Multiletramentos. Isso não exclui outras abordagens, mas evidencia o que advogamos em outra publicação (Acosta Pereira, 2022), a tese de que a PAL/S, independente da abordagem teórico-metodológica, sempre deve ser ancorada em um aporte epistemológico que ratifique os usos da língua nas situações de interação. Precisamos ratificar essa questão, caso contrário, as apropriações, como mencionamos anteriormente, assumem espaços que não lhe pertencem.

Seguimos para a questão: *e sobre a integração da PAL/S com as demais práticas de linguagem?* Essa é a questão central, fundante. A PAL/S precisa estar integrada às práticas de leitura, de produção de textos e à oralidade. Inclusive, cabe ressaltar que sua cunhagem, na década de 1980, nasce nessa perspectiva. É preciso que redimensionemos a PAL/S no interior das outras práticas de linguagem, a fim de ampliá-las, como esclarece Rodrigues (2021). Contudo, isso não exclui a possibilidade de mobilizar a PAL/S em atividades mais voltadas a aspectos da língua especificamente, desde que não sejam abstraídos do como a língua em uso reage às feições da interação social.

O importante é entender que a PAL/S isolada da interação se torna análise gramatical. Uma análise gramatical que se volta ao como os diversos recursos da língua respondem às ‘coerções’ da situação de interação social torna-se PAL/S. Pode parecer uma síntese abrupta, mas se buscarmos entender o ‘todo’ que envolve a interação social, a questão se torna complexa. Somente para fins didáticos, ao advogar a favor da PAL/S a partir dos usos sociais da língua, questões como interação, sujeito, interlocutores, enunciado, discurso, ideologia, dentre outros aspectos ascendem, pois a interação não é um espaço vazio. Assim, a PAL/S busca ser mobilizada engendrada nas outras práticas de linguagem, reiterando que ao lermos, produzirmos textos diversos e enunciarmos ou auscultarmos o outro, não deixamos de epilinguisticamente

mobilizar recursos da língua para atingir nossos projetos de dizer. Com isso, a PAL/S é uma prática de linguagem no interior de outras práticas de linguagem.

Para fecharmos essa seção, apresentamos uma última questão (que não encerra o debate): *ao entender que a PAL/S se dá no interior de outras práticas de linguagem, precisamos enfatizá-la na discussão sobre ensino e aprendizagem de língua portuguesa na escola?* Não identificar, não mencionar, não discutir é, ao nosso ver, apagar do debate. E se apagamos do debate, outras propostas ocupam esse lugar. Como aponta Polato (2017), há um espaço vazio de discussões sobre PAL/S no Brasil nos anos de 1990, o que só se encerra na publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) ao final dessa década. Se não houve debate, propostas, reflexões sobre o tema, outra perspectiva se ocupa desse espaço. Os espaços sociais são arenas ideológicas (Volochínov, 2013 [1930]; 2017 [1929-1930]). Ao não debater sobre, de certa forma, autorizamos dizeres outros que, dada sua especificidade, ocupam lugares que não lhe são próprios. No Brasil, há uma ascendência de pesquisas de cunho formal que tem apresentado diversas propostas de trabalho com a gramática na escola. Pesquisas que não têm qualquer aparato teórico-metodológico para discutir ensino, aprendizagem e escola, mas que acabam ocupando lugares autorizados (congressos, seminários, revistas acadêmicas etc.) para debater, propor e ratificar posições (muitas vezes, posições de um sujeito-pesquisador que nunca esteve na escola). Advogamos a favor da PAL/S como tema de pesquisa, de debate, de propostas, em diálogo com o grande número de pesquisas sobre práticas de leitura, de produção de textos e de oralidade que já se tem no campo da Linguística Aplicada no Brasil.

Finalizamos essa seção. Apresentamos questionamentos que auscultamos em várias situações como professor e pesquisador e que acreditamos que cabem reflexões a respeito. Voltemo-nos à próxima seção, sem encerrar o debate.

3 Inquietações nossas: autorreflexões

Assim como na seção anterior, seguimos com alguns questionamentos. Esses, neste momento, dizem respeito a nossas reflexões próprias, mas que, assim como Bakhtin (2015 [1934-1935]) nos explica, nascem de dizeres outros, pois em todos os lugares ouvimos vozes.

Iniciamos com a seguinte questão: *quais seriam os impactos de pesquisas sobre PAL/S no Brasil?* Neste artigo, seria inexequível responder, pois essa pergunta demanda uma pesquisa ampla, densa e longitudinal. Contudo, podemos responder parcialmente, sob outro escopo: o foco recaindo sobre como e onde as pesquisas sobre PAL/S no Brasil tem se desenvolvido. Raupp (2023) responde essas duas questões em sua pesquisa. Em nosso presente artigo, retomamos apenas a especificidade sobre a cartografia das pesquisas brasileiras sobre PAL/S. Segundo a autora, a partir do acesso aos Bancos de Dados institucionais brasileiros (Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES e Biblioteca de Teses e Dissertações) foi possível realizar o levantamento de dissertações e teses sobre AL, PAL, PAL/S^v produzidas no Brasil, pós Parâmetros Curriculares Nacionais e pós Base Nacional Comum Curricular, no período entre 1998 a 2021, circunscritas nas áreas de Linguística Aplicada e de Educação: essa pesquisa de Raupp (2023) possibilitou a constituição de um quadro bibliométrico de pesquisas sobre PAL/S em contexto brasileiro – o qual consiste no total de 87 trabalhos, distribuídos entre dissertações e teses entre 1998 a 2021.

Ademais, o estudo de Raupp (2023) torna possível afirmar que quatro universidades se destacam por apresentar um número maior de trabalhos de dissertações e teses sobre PAL/S no país no período considerado (1998-2021): UFPE, UFSC, UEL e UFJF (Raupp, 2023). Em relação aos estados geográficos, em um olhar para a somativa de instituições de ensino superior, cinco estados brasileiros se destacam com maiores quantitativos de trabalhos no período (1998-2021): Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, Minas Gerais e Paraíba (Raupp, 2023). Esses resultados da pesquisa de Raupp (2023) evidenciam o quanto ainda precisamos pesquisar, trabalhar e publicar propostas de estudos

sobre PAL/S, buscando, dentre outras questões, advogar a favor do trabalho com a língua, na escola, sob uma dimensão social.

Uma outra reflexão que precisamos agenciar é *o quanto o trabalho com a PAL/S se potencializa com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018)?* Em outras palavras, com a publicação desses documentos político-educacionais, as discussões sobre PAL/S voltam à cena.

Como já dito, Polato (2017) evidencia uma lacuna de discussões sobre PAL/S nos anos de 1990. Em seu estudo bibliométrico, Raupp (2023) ratifica essa constatação. A partir disso, entendemos que a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) impulsionam a retomada de pesquisas brasileiras sobre PAL/S como prática de linguagem. Ademais, visto que todos os livros didáticos no país são avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e que este, por sua vez, tem seu edital voltado à Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), os materiais didáticos direcionados à Educação Básica acaba por, conseqüentemente, mobilizar o uso do termo PAL/S, mesmo que, por muitas vezes, de forma incoerente como demonstra a pesquisa de Huff (2017) e B. Rodrigues (2019). Cabe, sobretudo, ressaltar que os próprios documentos, em adição aos livros didáticos, acabam por apresentar incoerências sobre a PAL/S como aponta a pesquisa de Santos-Clerisi (2020) e Raupp (2023). Em suma, as pesquisas sobre PAL/S são potencializadas com a publicação de documentos político-educacionais, dando espaço a essa prática de linguagem que sofreu apagamentos na década de 1990 no Brasil.

Seguimos nosso debate, trazendo uma questão importante para se retomar: *quais as diferenças entre a PAL/S na esfera acadêmica e na esfera escolar?* Nossa discussão deve iniciar com uma explicação já dada em Acosta Pereira (2022) de que a PAL/S não é ‘teoria e análise linguística’, denominação de uma subárea da Linguística, segundo o *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)*. Só a partir disso, podemos compreender que há uma grande diferença entre o que se espera de uma abordagem voltada à ‘teoria e análise linguística’ e à ‘PAL/S’. No primeiro

escopo, de forma geral, enquadram-se abordagens de trabalho com a língua dentro de perspectivas formais e sistêmicas de estudos linguísticos. Termos como 'gramática na escola', 'ensino de gramática', 'construção de gramáticas', por exemplo, são comuns, pois a ênfase é na análise gramatical de recursos linguísticos limitados ao sistema (fone, fonema, morfema, sintagma). Por outro lado, o termo 'PAL/S' é usado, especialmente na Linguística Aplicada, para designar um trabalho com os recursos da língua que não apenas incluam os recursos do sistema, mas sobretudo, os recursos enunciativo-discursivos de uso social da língua nas interações. Com isso, a PAL/S não exclui aspectos lógicos da língua, mas os estuda em conjunto e sob as lentes dos aspectos dialógicos da interação. Torna-se muito clara a diferença entre uma abordagem que advoga a favor da 'gramática na escola' e uma que advoga pela 'PAL/S'. Enquanto na primeira, dedica-se à análise da língua como um sistema; na segunda, por sua vez, trabalha-se com a língua como discurso.

Na língua como sistema, a abordagem da 'gramática na escola', 'ensino de gramática', 'construção de gramáticas' é ancorada em perspectivas teórico-metodológicas de base formalista, retirando da análise qualquer vínculo da língua com o social. Em contrapartida, na abordagem da língua como discurso, entendemos que qualquer uso da língua é sempre um 'uso social'. A PAL/S, por conseguinte, é sempre (e deve ser) balizada por uma perspectiva teórico-metodológica de base interacionista. Acreditamos ser esta uma questão fundante para o trabalho com a PAL/S: a necessidade orgânica de ser trabalhada sob as lentes de um construto teórico-metodológico de estudo linguístico que seja orientado pela base social da interação.

Ao fim dessa seção, nos cabe ressaltar que levantamos algumas questões que muito dialogam com aquelas em nossa primeira seção. Não por acaso, elas se inter-relacionam, pois, muito nos dizem sobre a PAL/S nas aulas de Língua Portuguesa em contexto da Educação Básica. A fim de potencializar ainda mais nosso debate, na seção a seguir, nos colocamos frente a reflexões pré-figuradas, isto é, questões que acreditamos ser necessárias a pesquisas futuras.

4 Inquietações no/para o devir

Nesta seção, nosso objetivo é levantar questões para pesquisas futuras. Frente às pesquisas já realizadas e às diversas indagações que ascendem no campo de pesquisa voltado às práticas de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa na Educação Básica, apontamos algumas inquietações no/para o devir. Seguimos a mesma organização e *desenho* das seções anteriores, isto é, apresentamos um questionamento e, na sequência, debatemos sobre ele.

Iniciamos com a questão: *o que o discurso dos documentos político-educacionais contemporâneos nos revela?* Muitas são as pesquisas, em Linguística Aplicada, sobre as reverberações dos documentos político-educacionais na esfera escolar. Basta iniciarmos uma pesquisa em Bancos de Dados institucionais brasileiros que, em retorno, nos são apresentadas diversas pesquisas sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e sobre a Base Nacional Comum Curricular (2018), por exemplo. Em nosso artigo, cabe-nos explicitar que, como sabemos, seja nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), seja na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), a PAL/S é mobilizada à luz das orientações sobre os eixos de ensino, em conjunto com as práticas de leitura, produção de textos e oralidade.

Algumas diferenças são colocadas, como, por exemplo, o uso de termos ‘análise linguística’ e ‘análise linguística/semiótica’ nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular respectivamente. Essas diferenças vêm acompanhadas de orientações, direcionamentos e detalhamentos seja de cunho teórico-metodológico, seja didático-pedagógico. No escopo de nosso debate, vamos nos detalhar nas habilidades de PAL/S na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Em estudo de Santos-Clerisi (2020), podemos entender que, tendo em vista todas as habilidades de PAL/S voltadas ao Ensino Fundamental – Anos finais, segundo a autora, nem todas as habilidades respondem ideológico-valorativamente (Volochínov, 2017 [1929-1930]) ao que se entende por PAL/S nos estudos contemporâneos. Em outras palavras, a análise discursiva da Base Nacional Comum Curricular revelou que esse documento ainda apresenta habilidades elencadas no eixo de PAL/S

essencialmente voltadas à análise gramatical *strictu sensu*. Tais habilidades, de acordo com Santos-Clerisi (2019) são exclusivamente voltadas à análise gramatical metalinguística à luz do que se entende por gramática tradicional^M.

Ademais, Huff (2017) e B. Rodrigues (2019) chegam aos mesmos resultados em suas pesquisas voltadas aos documentos político-educacionais em diálogo com livros didáticos aprovados pelo PNLD. Raupp (2023) ratifica esses estudos quando, em sua pesquisa sobre a cartografia de dissertações e teses sobre PAL/S no país, a autora chega a resultados que apontam ainda um conflito entre a ‘gramática na escola’ e a ‘PAL/S’. Para as autoras supracitadas, é evidente que essas habilidades organicamente engessadas na gramática tradicional são, em grande medida, aquelas voltadas aos estratos ou níveis de análise do sistema linguístico – aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos. Segundo as autoras, isso revela o quanto ainda aspectos mais sistêmicos da língua em suas diferentes áreas de estudo enfrentam resistência ou impossibilidade de se desvincular da forma/da estrutura e alcançar o discurso. Os documentos acabam por orientar as habilidades dessas áreas sob as lentes exclusivas da gramática tradicional. Assim, podemos dizer que os documentos político-educacionais contemporâneos nos revelam o que já é posto desde a década de 1980: uma luta constante sobre o que, de fato, se ensina e como se ensina a língua portuguesa na escola de Educação Básica.

Essa discussão acima nos encaminha para uma próxima questão: *ao debater sobre a PAL/S, vamos retornar às mesmas reflexões dos últimos 40 anos?* Ao retomarmos algumas das publicações dos anos de 1980 e 1990 sobre ensino da língua portuguesa no país, pode parecer que estamos ainda em busca de refletir sobre as mesmas questões. Basta retomarmos Geraldi (1984; 1991; 1996), Franchi (1987), Possenti (1996) e Britto (1997), por exemplo. Contudo, os registros em Bancos de Dados institucionais brasileiros nos mostram que há muita pesquisa sobre ensino e aprendizagem de língua portuguesa na escola, cabe-nos apenas selecionar quais se voltam à tradição e quais se voltam à mudança. Em nosso artigo, revistamos, como em outras seções, a pesquisa de Raupp (2023) sobre dissertações e teses sobre PAL/S no Brasil entre o período pós Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e pós Base Nacional Comum

Curricular (2018), um período entre 1998 e 2021, conforme pesquisa publicada. O estudo de Raupp (2023) nos mostra que uma grande parte do seu *corpus* de análise, 87 trabalhos, distribuídos entre dissertações e teses entre 1998 a 2021, ainda se voltam para questões semelhantes propostas em referenciais da década de 1980 e 1990, mas com um diferencial – retomam as questões debatidas nessas décadas em conjunto com várias demandas contemporâneas no trabalho com a linguagem na escola. Isso nos esclarece o quanto o embate ideológico-valorativo (Volochninov, 2017 [1929-1930]) entre a tradição e a mudança, entre a gramática na escola e a PAL/S é vivo e se renova no tempo. Essa questão pode ser explicada de duas formas, a nosso ver: (i) há uma ampliação de estudos sobre PAL/S que retomam, mas expandem a proposta fundante de J. W. Geraldi em 1984; (ii) o embate entre a tradição e a mudança no ensino de língua portuguesa está ainda vivo.

Entendemos, dada todas as pesquisas mapeadas por Raupp (2023) que, de fato, *a discussão sobre PAL/S se ampliou desde 1980*. Polato (2017) explica essa questão em seu estudo, mapeando, inclusive as diferenças e ampliações entre as obras de J. W. Geraldi de 1984, ‘O texto na sala de aula’ e de 1991, ‘Portos de Passagens’. Em outras palavras, houve não apenas ampliação da discussão na própria obra de J. W. Geraldi, como, principalmente, nas pesquisas pós Parâmetros Curriculares Nacionais e pós Base Nacional Comum Curricular, como discute Raupp (2023). Ademais, as publicações de Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021) e Acosta Pereira (2022) apontam explicitamente como as discussões sobre PAL/S se ampliam, seja em escopo teórico-metodológico, seja em termos didático-pedagógicos. Essas ampliações, em grande medida, são frutos de uma escolha teórica para o balizamento do trabalho com a PAL/S como prática de linguagem na aula de Língua Portuguesa. Ao mobilizar uma perspectiva teórica específica, pesquisadores brasileiros têm mostrado como essa teoria agenciada pode orientar o trabalho com a PAL/S, tal como a proposta de Polato (2017), Acosta Pereira; Costa-Hübes (2021) e Acosta Pereira (2022) com os estudos de PAL/S sob um panorama dialógico; e Barreto; Pinton (2023) com a proposta de PAL/S sob um olhar sistêmico-funcional.

Diferentes teorias, diferentes propostas, mas sem perder a essência da PAL/S apresentada nas décadas de 1980 e 1990. Esses autores têm mostrado como uma abordagem teórica não apenas orienta um trabalho com a língua em uso, mas sobretudo, possibilita a construção de uma arquitetura metodológica para a elaboração didática do professor. Costa-Hübes (2017) e Acosta Pereira; Rodrigues (2021) demonstram essa questão quando apresentam os gêneros do discurso como articuladores da integração entre as práticas de linguagem na aula de Língua Portuguesa.

Nessa direção, cabe-nos reiterar quanto *o trabalho com as práticas de linguagem demanda uma abordagem teórico-metodológica que, por sua vez, reverbera na prática didático-pedagógica* do professor. Acosta Pereira; Rodrigues (2021) apresentam, em sua pesquisa, como a abordagem dialógica de estudos da linguagem pode ser a baliza teórico-metodológica para o professor referenciar seu trabalho com a PAL/S. E na sequência, como essa abordagem pode dialogar com a proposta da elaboração didática de Halté (2008 [1998]) para tornar o professor autor de seu material didático. Em outro momento, Acosta Pereira (2022) nos apresenta como as orientações teóricas sobre linguagem presentes no conjunto das obras do Círculo de M. Bakhtin, V. Volochínov e P. Medviédev podem orientar o trabalho com a PAL/S. Em suma, como já dito, a PAL/S não é uma teoria, não é uma metodologia, mas uma prática de linguagem (assim como a leitura, a produção de textos e a oralidade) e, por ser uma prática de linguagem no escopo dos eixos do ensino (Acosta Pereira; Costa-Hübes, 2024), demanda uma abordagem teórico-metodológica para funcionar.

Essa demanda por uma abordagem teórico-metodológica é conduzida, em grande medida, pela *concepção de linguagem que ancora todo o trabalho do professor*. Acosta Pereira (2022) quando propõe uma “PAL/S de base dialógica” nos apresenta uma discussão sobre o que se entende por ‘língua-sistema’ e ‘língua-discurso’ à luz dos escritos do Círculo. Uma análise gramatical voltada à tradição se orienta por uma concepção de língua-sistema, isto é, uma análise que se volta exclusivamente para a forma e para a estrutura da língua. Abordagens teóricas formalistas dão base para essa análise. Podemos dizer, em suma, que a língua-sistema apenas nos ilustra aspectos objetivos do sistema da

língua, um olhar do sistema e da forma voltados a si mesmos. Por outro lado, numa concepção de língua-discurso, temos a PAL/S voltada à mudança, orientada pela língua em uso nas situações de interação social. Abordagens interacionistas dão base para a análise linguística. Podemos dizer, em síntese, que uma orientação de língua-discurso nos responde como os recursos da língua são socialmente usados na interação entre sujeitos.

A PAL/S se consocia à visão de língua-discurso. Não haveria PAL/S sem um vínculo da análise da língua com a interação. A interação social é a base sem a qual a PAL/S não existe, não funciona. Sem a interação, a PAL/S torna-se análise gramatical. A PAL/S, portanto, trabalha com o discurso, com a língua viva (Bakhtin, 2006 [1961-1962]) e, em sua materialidade concreta e material, o enunciado. O enunciado é a unidade de trabalho da PAL/S, ao passo que, na análise gramatical, a unidade de trabalho é a palavra-isolada e/ou a frase. A PAL/S trabalha com a língua contextualizada, enquanto a análise gramatical trabalha com a língua descontextualizada, sem qualquer relação com a interação e com os sujeitos falantes.

A PAL/S trabalha com as regularidades enunciativo-discursivas da língua em uso. A análise gramatical trabalha com as repetibilidades da língua como sistema. Por ‘regularidades’, entendemos sentidos do/no uso da língua que se constituem dialogicamente como reação-resposta às demandas da situação de interação social (como, por exemplo, o quanto textos no gênero discursivo notícia se utilizam de adjuntos adverbiais de tempo e de espaço para relatar os fatos. A cada uso, um sentido diferente, irrepetível, mas relativamente típico na arquitetônica do gênero notícia). Por ‘repetibilidades’, compreendemos significados do/no sistema da língua operacionalizados pelas relações lógicas entre os estratos ou níveis linguísticos do próprio sistema (como, por exemplo, as substituições paradigmáticas de morfemas na língua, demarcando tempo e modo verbais, ou ainda, as relações sintagmáticas no período, demarcando agentes e complementos sintáticos). As relações entre regularidades e repetibilidades se completam, mas não se fundem. A PAL/S demanda a relação entre repetibilidades e regularidades para funcionar sob as lentes do enunciado (diferentemente do trabalho com a palavra-isolada ou com frases, que só seria

possível apenas a partir do eixo das repetibilidades), como explica Acosta Pereira (2022).

Uma outra questão pertinente para nosso debate é: *como a PAL/S chega à escola?* Essa é uma pergunta cuja resposta demanda pesquisa em campo e reflexão sobre as singularidades de cada contexto. Raupp (2023), em seu estudo bibliométrico sobre pesquisas acerca da PAL/S no Brasil, aponta que, grande parte das pesquisas sobre PAL/S entre 1998 e 2021 diz respeito a estudos ancorados em pesquisa no contexto da escola. Com isso, acreditamos que muito tem sido feito sobre o trabalho com a língua à luz da PAL/S, mas é preciso cautela. A autora observou que há um conjunto grande de estudos que se propõe a se basear na PAL/S, mas acabam por reproduzir análise gramatical (Raupp, 2023). Essa particularidade reforça o que já havíamos discutido anteriormente neste artigo, as reapropriações do termo (Rodrigues, 2021) para algo que ele não é.

Uma outra possibilidade de pesquisa é o olhar para os livros didáticos. Huff (2017) e B. Rodrigues (2019) mostram que livros didáticos voltados à Educação Básica, mesmo com avanços, ainda, em grande parte, orientam a PAL/S como um trabalho de análise gramatical, sob as lentes da palavra-isolada e das frases, orações e períodos.

Dando sequência à nossa discussão, nos perguntamos: *quando o assunto é formação docente inicial e continuada, há espaço para a PAL/S?* Em estudo recente, Raupp; Acosta Pereira (2022) desenvolveram uma investigação sobre a inserção de disciplinas sobre PAL/S na formação inicial em cursos de Letras – Licenciatura Plena em universidades públicas do estado do Paraná (PR). Os autores constataram que uma pequena porção dessas instituições apresenta disciplinas com uma temática sobre PAL/S em suas ementas, mas não há uma disciplina específica sobre nos cursos investigados. Ademais, os autores observaram que, no conjunto das ementas, a PAL/S ora se imbrica como uma ‘nova análise gramatical e textual’, ora funciona apenas como ‘análise gramatical’. Ao nosso ver, cabem estudos sobre como a formação inicial de professores de Língua Portuguesa têm respondido às demandas das práticas de linguagem em seus currículos, isto é, como as práticas de leitura, produção de

textos, oralidade e, nosso foco, a análise linguística/semiótica têm sido mobilizadas no currículo. É preciso disciplinas específicas de formação teórico-metodológica sobre o ensino das práticas de linguagem em contexto da Educação Básica.

Em relação à Pós-graduação, o estudo de Raupp (2023) demonstra que em dissertações e teses sobre PAL/S catalogadas em repositórios institucionais brasileiros, entre 1998 e 2021, ainda, em grande medida, entendem a PAL/S como uma outra análise gramatical e textual ou até mesmo como uma ‘nova roupagem’ para o ensino de gramática. Ademais, acreditamos que caberia um estudo sobre como as práticas de linguagem estão sendo mobilizadas em disciplinas teórico-metodológicas em cursos de pós-graduação para formação continuada de professores de Língua Portuguesa no Brasil. Haja vista nosso foco, podemos nos questionar como os programas de pós-graduação têm ofertado disciplinas sobre PAL/S: seriam disciplinas que, de fato, mobilizam a PAL/S no que ela é; ou, são disciplinas que reforçam o papel da gramática como único trabalho com a língua? A título de exemplo, revisitamos a disciplina ‘MPL1014 Práticas de análise linguística e ensino de aspectos gramaticais’, no currículo do maior programa de formação de professores de Língua Portuguesa no Brasil, o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS.

Figura 01: Ementa disciplina MLP1014 do PROFLETRAS

CÓDIGO	DISCIPLINA
MPL1014	PRÁTICAS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA E ENSINO DE ASPECTOS GRAMATICAIS

EMENTA
Abordagem de aspectos gramaticais (teóricos e descritivos) para além do tratamento tradicional. Fenômenos linguísticos relevantes na compreensão e na construção de estruturas nos planos macro e microtextual. Variação morfosintática do Português do Brasil: continuum fala-escrita.

OBJETIVO GERAL
Promover atualização teórica (categorização) e descritiva (caracterização do Português do Brasil e suas normas de uso) quanto à abordagem de fatos gramaticais na Educação Básica, sobretudo aqueles que implicam revisão da proposta das gramáticas tradicionais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS
1. Evidenciar que toda prática de análise linguística implica ensino de gramática. 2. Explorar o tratamento científico atualizado de temas relevantes à descrição da sintaxe do Português. 3. Articular conteúdo relacionado à construção de período e o ensino de pontuação. 4. Descrever o comportamento de fenômenos gramaticais variáveis da sintaxe do português, privilegiando o continuum fala-escrita.

ATIVIDADES DO CURSO
1. seminários; 2. resenhas críticas; 3. elaboração de material didático que incorpore a atualização teórica/descritiva relativa ao tema em questão; 4. outras formas avaliadas como pertinentes.

UNIDADES
1. Abordagem científica de temas relevantes à descrição da sintaxe do Português ("objetos teóricos", como os priorizados a seguir). 1.1. Predicação. Seleção argumental: argumentos e adjuntos. 1.2. Constituintes verbais: papéis temáticos, sintagmas e funções. 1.3. Tipos de verbos: transitividade e padrões oracionais. 1.4. Organização de períodos e pontuação. 1.5. Sujeito: definição e tipos. 2. Abordagem científica de temas variáveis: caracterização morfosintática do Português do Brasil ("objetos de uso", como os priorizados a seguir) 2.1. Quadro pronominal: realização do sujeito e dos complementos (funções acusativa, dativa e oblíquas). 2.2. Estratégias de indeterminação do referente (verbo na 3ª pessoa mais se / 3ª p. plural / formas pronominais e nominais). 2.3. Ordem dos constituintes: sujeito-verbo/verbo-sujeito; topicalização; voz ativa/voz passiva; colocação de pronomes. 2.4. Concordância (verbal e nominal): expressão morfosintática e padrões oracionais. 2.5. Período: estruturas com e sem conectores. Variação e conectores. 2.6. Estratégias de relativização (padrão, cortadora e copiadora).

Fonte: <https://profletras.ufrn.br/funcionamento/disciplinas>

A disciplina MLP1014 do PROFLETRAS, tendo em vista toda a discussão sobre PAL/S desde a obra fundante de J. W. Geraldi de 1984, reapropria-se do termo PAL/S (aliás, ainda sem o 'semiótico') e o que apresenta é, de fato, uma disciplina essencialmente gramatical. Tanto na ementa, quanto nos objetivos e nas unidades, a PAL/S se transforma em 'análise gramatical' com foco em aspectos morfosintáticos. Não há qualquer menção sobre aspectos textuais e enunciativo-discursivos que são as balizas-núcleo da PAL/S. A interação social é apagada. Ademais, algumas das orientações da ementa, como a "evidenciar que toda prática de análise linguística implica ensino de gramática" contradizem e apagam por completo a orientação da PAL/S como uma prática de linguagem para a ampliação das outras práticas de linguagem nas mais diversas situações de interação, como explica Rodrigues (2021) e Acosta Pereira (2022).

Com isso, acreditamos que a formação inicial e continuada de professores de Língua Portuguesa ainda demanda muitas mudanças, em especial, as relacionadas ao papel das práticas de linguagem, não apenas como articuladoras no conjunto de disciplinas ofertadas nessas instâncias de formação, mas, sobretudo, disciplinas teórico-metodológicas de/sobre/para as

práticas de linguagem, evitando desencontros, truncamentos e reapropriações errôneas, como ilustrado acima.

Tendo em vista as diversas reflexões ao longo deste artigo, podemos, sobretudo, nos perguntar: *o discurso da PAL/S tende para onde?* Acreditamos que a força motriz da PAL/S é enfrentar o discurso centrípeto (Bakhtin, 2015 [1934-1935]) da gramática na escola. Não apenas como discurso-memória de mais de 40 anos pela luta da mudança no ensino da língua portuguesa na Educação Básica, mas, em grande medida, como um discurso centrífugo (Bakhtin, 2015 [1934-1935]) que provoque e potencialize o trabalho com a língua à luz da interação social; um trabalho que advogue a favor da ampliação das práticas de linguagem, não apenas possibilitando os sujeitos ampliarem o trânsito nas diferentes esferas da atividade humana (Bakhtin, 2003 [1952-1953]), mas sobretudo, potencializar sua emancipação cidadã.

A PAL/S nasce há quase 40 anos, numa refutação ao ensino exclusivamente gramatical, mas, o embate é vivo e contemporâneo. Como explica Bakhtin,

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico [...]. Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo. (Bakhtin, 2003 [1930-1940], p. 410, grifos do autor).

As palavras de Bakhtin se confirmam nesse diálogo infinito que situam o papel da PAL/S no ensino de língua portuguesa, ora reacentuando sentidos do passado (PAL/S compreendida como ‘gramática aplicada’, ‘gramática no texto’, ‘gramática na escola’, ‘estudo científico da gramática’), ora renova-se, situando-a como em práticas discursivas de uso da linguagem.

Finalizamos, assim, esta seção, na qual levantamos questões que poderão ancorar pesquisas futuras e apontamos outras inquietações, a partir de pesquisas já realizadas, que nos acenam para o devir.

Considerações finais

A história do componente curricular Língua Portuguesa no Brasil é marcada por muitos matizes ideológico-valorativos. Dentre os vários, o mais marcante é, sem dúvidas, a luta pela renovação que, em última instância, é a luta contra o ensino restritivo e prescritivo da gramática na escola. Muitas são as posições e vozes e múltiplos são os embates. Neste presente artigo, buscamos catalisar as diferentes ressonâncias de discursos vários sobre a PAL/S como uma prática de linguagem na escola de Educação Básica.

Acreditamos que muitas são as conquistas ao longo dos quase 40 anos de história da PAL/S no Brasil. Mas também ainda muitos são os desafios. Logo, não é possível apresentarmos um resultado apenas que resuma as reflexões apresentadas neste artigo; compilamos, na verdade, resultados vários de um processo dessas décadas de estudos sobre a PAL/S no Brasil e indicamos para a possibilidades de resultados a devir, consequência dos direcionamentos que vem se dando a essa prática de linguagem no ensino de língua portuguesa.

Notas

* Pesquisador CNPq- PQ2. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Central de Florianópolis, SC, Brasil. Professor de Linguística Aplicada. drigo_acosta@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-0148-8725>

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Cascavel, PR, Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras. tehubes@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-9063-7982>

ⁱ Entendemos que o termo é empregado de diferentes formas a depender da referência mobilizada. Neste artigo, vamos nos utilizar da forma *PAL/S*, tendo em vista nossa filiação teórica e a publicação recente da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Essa questão de diferentes terminologias é discutida neste presente artigo.

ⁱⁱ Sempre que nos referirmos à componente curricular, o faremos com letras maiúsculas.

ⁱⁱⁱ Não vamos nos detalhar sobre as concepções de gramática. Neste artigo, utilizamos o termo *gramática* para nos referirmos a um conjunto de regras e de normas sobre a língua à luz de panoramas formais (estruturais, sistêmicos, imanentes) dos estudos linguísticos.

^{iv} Agradecemos ao CNPq pelo subsídio concedido ao autor Rodrigo Acosta Pereira como pesquisador PQ2.

^v A autora utiliza as diferentes terminologias para seu estudo bibliométrico.

^{vi} A análise empreendida por Costa-Hübes e Kraemer (2019) a respeito dos verbos que introduzem as habilidades da PAL/S na BNCC também corroboram esse resultado.

Referências

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **A prática de análise linguística/semiótica de base dialógica**: reflexões para leitores iniciantes. 01. ed. São Carlos - SP: Pedro & João, 2022. v. 1. 102p.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2021.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosangela Hammes. Os gêneros do discurso como elementos integradores para/nas aulas de leitura, escuta, produção textual e análise linguística: subsídios teórico-metodológicos. *In*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021, p. 157-182.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**. A Estilística. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2015 [1934-1935].

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-1953], p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1930-1940], p. 393-410.

BARRETO, Taís Vasques; PINTON, Francieli Matzenbacher. A prática de análise linguística e a produção de atividades didáticas: o que (ainda) precisamos construir em contexto de formação inicial de professores de língua portuguesa. **Revista Letras** (UFSM/ON-LINE), v. 1, p. 24-42, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCN). Brasília: MEC; SEB, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC; SEB, 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Prática de análise linguística/semiótica nas aulas de língua portuguesa: o que ainda precisamos discutir? **Revista Letras** (UFSM/ON-LINE), v. 32, p. 06-23, 2022.

COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias. Estudo dos verbos na BNCC: reenunciações dos signos sociais e ideológicos. *In*: COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição; KRAEMER, Márcia Adriana Dias. **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular: compreensões subjacentes**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2019.p. 329-368

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Prática de Análise Linguística no Ensino Fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, v. 7, n. 14, p. 270-294, 2017.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. V. 9, p. 5-45, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

HALTÉ, Jean- François. O espaço didático e a transposição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, p. 117-139, jul./dez. 2008 [1998].

HUFF, Luana de Araújo. **O discurso das orientações didático-pedagógicas em livros didáticos de Língua Portuguesa: em torno da prática de análise linguística**. 2015. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2017.

MENDONÇA, Márcia. Práticas de análise linguística, modalização e Referenciação: ampliando e conectando objetos de ensino. *In*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HUBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021.p. 219-246.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, Mercado de Letras, 1996.

RAUPP, Eliane Santos. **A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa:** cartografia e análise dialógica dos discursos de pesquisas - dissertações e teses - produzidas no Brasil (1998-2021). Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2023.

RAUPP, Eliane Santos; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística nos cursos de licenciatura em letras: um olhar para a formação inicial. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, p. 843-870, 2022.

RODRIGUES, Bárbara. **Entre a gramática tradicional e a prática de análise linguística nas atividades em livros didáticos de língua portuguesa no ensino médio:** um estudo dialógico. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2019.

RODRIGUES, Rosangela Hammes; A prática de análise linguística: emergência, reenunciações, abrangência e produtividade do conceito. *In:* ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HUBES, T. C. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa.** São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2021.p. 73-106.

SANTOS-CLERISI, Gabriela. Debas. dos. **Reverberações dos Estudos Dialógicos da Linguagem no discurso da BNCC:** em torno do objeto discursivo prática de análise linguística/semiótica. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2020.

VOLOCHÍNOV, Valentin. A construção da enunciação. *In:* GERALDI, J. W. (Org.). **A construção da Enunciação e Outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930], p. 157-188.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929-1930].